

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

GOVERNANDO A VIDA E A MORTE: BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

**Anna Clara Frigi Vantine, Deborah Carla Jardim Alves, Juliana Lacerda Franco,
Maria Clara Chicalhoni Silva, Ruben Gustavo Fernandes Angelo, Luiz Carlos
Andrade de Aquino, Maurício Martins Alves.**

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi,
2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, annafrigi26@gmail.com,
jardmdeborah@gmail.com, julianalacerdafran@gmail.com, clarinhachicalhoni@gmail.com,
rubsfern@gmail.com, aquino@univap.br, mmalves@univap.br.

Resumo

O artigo busca analisar e compreender a relação entre os conceitos de biopolítica e necropolítica desenvolvidos por Michel Foucault e Achille Mbembe, respectivamente, apontando suas diferenças e peculiaridades históricas, culturais e geopolíticas que influenciam e moldam a necropolítica, além dos perigos de utilizar esse conceito de forma indiscriminada, sem considerar o contexto histórico, cultural e étnico que caracteriza a autodeterminação de diferentes povos. Utilizou-se abordagem metodológica multidisciplinar e qualitativa, com revisão bibliográfica em textos desses autores, permitindo análise comparativa e contextualizada dos conceitos, examinando suas especificidades em termos de governança, controle da vida e da morte, formas de poder e suas manifestações em diferentes contextos históricos e culturais. Tais conceitos, presentes em contextos coloniais e regimes de exceção, refletem a governamentalidade neoliberal. A regulação da vida por meio da morte em certas regiões do mundo demonstra a constante tensão entre biopolítica e necropolítica, convidando os indivíduos a questionar e resistir aos mecanismos de controle que ameaçam a dignidade e os direitos humanos.

Palavras-chave: Biopolítica. Necropolítica. Michel Foucault. Achille Mbembe.

Área do Conhecimento: Ciências jurídicas. Visão integrada do direito.

Introdução

Com base numa análise da relação entre os conceitos de biopolítica e necropolítica, tal como desenvolvidos por Michel Foucault e Achille Mbembe, respectivamente, o presente artigo tem por objetivo apresentar as conexões e diferenças entre essas formulações teóricas, permitindo evidenciar que a necropolítica não é uma continuação da biopolítica, mas possui sua própria historicidade e peculiaridades quando consideramos o contexto histórico, cultural e étnico que caracteriza a autodeterminação de diferentes povos.

A pesquisa sobre a relação entre os conceitos de biopolítica e necropolítica é relevante e necessária por várias razões. Primeiramente, a compreensão desses conceitos e de suas diferenças é fundamental para a análise crítica do poder e do controle exercidos sobre a vida e a morte nas sociedades contemporâneas. Esses conceitos têm sido amplamente discutidos nas áreas de estudos sociais, políticos e culturais, e sua investigação permitirá uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de poder e das formas de governança em diferentes contextos.

Além disso, a análise das peculiaridades históricas, culturais e geopolíticas que moldam o conceito de necropolítica é crucial para entender as formas específicas de violência, opressão e exclusão que ocorrem em diferentes partes do mundo. Compreender como a necropolítica se manifesta em diferentes contextos contribui para ampliar a consciência sobre as desigualdades estruturais e as violações dos direitos humanos, permitindo a busca por alternativas mais justas e igualitárias. Ademais, investigar os perigos de utilizar o conceito de necropolítica de forma indiscriminada, sem considerar o contexto histórico, cultural e étnico que caracteriza a autodeterminação de outros povos, é fundamental para evitar generalizações simplistas e estereotipadas. Isso contribui para uma abordagem mais sensível e contextualizada, reconhecendo a diversidade de experiências e perspectivas.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Portanto, a pesquisa proposta tem como justificativa o aprofundamento do conhecimento teórico e crítico sobre os conceitos de biopolítica e necropolítica, assim como a necessidade de compreender as diferenças, as peculiaridades históricas e culturais e os perigos associados ao uso indiscriminado do conceito de necropolítica, com o intuito de contribuir para uma análise mais aprofundada do poder, das formas de controle e das relações de poder nas sociedades contemporâneas.

Metodologia

Buscou-se neste artigo uma abordagem metodológica multidisciplinar e qualitativa através de a) uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de biopolítica e necropolítica, com base nas obras de Michel Foucault e Achille Mbembe; b) uma análise comparativa entre os conceitos de biopolítica e necropolítica, identificando suas semelhanças e diferenças fundamentais e examinando as características específicas de cada conceito em termos de governança, controle da vida e da morte, formas de poder e suas manifestações em diferentes contextos históricos e culturais e, ainda, c) uma análise considerando o contexto histórico, cultural e étnico ao discutir o conceito de necropolítica, permitindo identificar as peculiaridades que moldam sua aplicação em diferentes partes do mundo e reconhecendo as experiências e perspectivas dos diferentes povos envolvidos, buscando evitar generalizações simplistas em favor de uma análise mais contextualizada e sensível.

Resultados

Biopolítica e Necropolítica: uma conceitualização

Segundo Foucault (2008), governamentalidade é o conjunto de instituições, procedimentos, análises, cálculos e táticas que viabilizam uma forma complexa de poder voltada principalmente para a população, baseada no conhecimento da economia política e utilizando dispositivos de segurança como instrumentos essenciais, bem como a tendência histórica de priorizar esse tipo de poder de governo sobre outros, resultando no desenvolvimento de aparelhos governamentais específicos e saberes correlatos. A governamentalidade neoliberal, portanto, abriga tanto a biopolítica quanto a necropolítica, revelando uma tensão constante. Enquanto a biopolítica prevalece em regiões economicamente fortes, a necropolítica se manifesta em locais como a África e a América, onde a vida é regulada pela morte. Compreender isto é um fato determinante para compreender o direito a vida e como o Estado, como ente soberano, pode reger a vida e a morte dos cidadãos. Com isto, analisa-se a relação de poder e violência nas colônias, evidenciando o tratamento desumano dos escravos no Brasil e a assimilação prolongada das raças escravizadas. A necropolítica é discutida como uma tecnologia política colonial, onde o racismo atuava como forma de terror com proibições de casamentos inter-raciais e extermínios étnicos (NEGRIS, 2023).

De acordo com Foucault (2008), pode-se definir a biopolítica como o conjunto de mecanismos pelos quais as características biológicas fundamentais da espécie humana são incorporadas em uma política, em uma estratégia política e em uma estratégia global de poder.

Conforme explicado acima, entender a biopolítica permite examinar criticamente as formas pelas quais o poder opera sobre os corpos e as populações, influenciando questões como saúde, reprodução, imigração e controle social. Essa compreensão permite questionar as dinâmicas de poder e a buscar abordagens mais justas e emancipatórias em relação à vida coletiva.

Valencia (2010) define a necropolítica como um conceito que se refere ao exercício do poder que se baseia na gestão da morte e da violência, além de estar intrinsecamente ligado às relações de poder, dominação e controle presentes nas estruturas sociais e políticas contemporâneas. Portanto, a necropolítica abrange não apenas o direito soberano de matar, mas também a imposição de condições de vida precárias, violência sistemática e exclusão de certos grupos, resultando na produção e perpetuação de zonas de morte e destruição.

A partir das reflexões de Foucault e Valencia, é possível estabelecer uma relação entre biopolítica e necropolítica, ambas abordando o exercício do poder sobre a vida e a morte. Enquanto a biopolítica foca na regulação e controle da vida, a necropolítica se concentra na gestão da morte e da violência, envolvendo relações de poder, dominação e exclusão. Esses conceitos revelam como o poder se manifesta nas estruturas sociais e políticas contemporâneas, impondo condições precárias de vida e

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

perpetuando zonas de morte e destruição. Assim, compreender a interação entre biopolítica e necropolítica permite uma análise crítica das dinâmicas de poder e a busca por abordagens mais justas e emancipatórias em relação à vida coletiva. Como afirma Valencia, a necropolítica vai além do direito soberano de matar, englobando a imposição sistemática de violência e a exclusão de certos grupos (NEGRIS, 2023; VALENCIA, 2010).

A Biopolítica e a Necropolítica são temas de grande importância para se compreender como o poder opera sobre os corpos e as populações, bem como as relações de dominação e controle presentes nas estruturas sociais e políticas contemporâneas. O objetivo de estudar esses conceitos é questionar as dinâmicas de poder e buscar abordagens mais justas e emancipatórias em relação à vida coletiva. A exploração dessas temáticas permite uma compreensão mais profunda de como o Estado, por meio de práticas políticas e sociais, pode produzir e perpetuar zonas de morte e destruição.

Conforme destacado por Negris (2020), a pesquisa de Mbembe revela que o conceito de biopolítica proposto por Foucault é insuficiente para abarcar as formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. A necropolítica, por sua vez, operou por meio de estados de exceção, disseminação da morte e proliferação do terror, especialmente em regiões periféricas do neoliberalismo. A importância de considerar as críticas no texto reside na possibilidade de uma análise crítica mais abrangente e sensível. Ao reconhecer as críticas apresentadas, é possível identificar lacunas e problemas na argumentação, destacando a necessidade de abordagens contextualizadas e respeitadas da diversidade de experiências. A crítica ressalta a distinção entre os conceitos de biopolítica e necropolítica, enfatizando a historicidade própria deste último e a violência simbólica resultante do apagamento da alteridade e diferença. Ao levar em conta as críticas, evita-se generalizações simplistas e promove-se uma análise mais contextualizada, considerando o contexto histórico, político e cultural dos conceitos em questão. Conforme afirma este autor:

Desse modo, pelo que foi exposto, podemos concluir que a biopolítica, não obstante comportar o direito de morte na forma do racismo (segundo a tese foucaultiana), ela não deve ser assimilada com a necropolítica pensada por Mbembe. Apesar do conceito de necropolítica colher alguma inspiração na dinâmica das relações de poder vista por Foucault, os conceitos aqui em jogo não podem ser integrados, muito menos um ser assimilado ao outro. Isso é importante na medida em que o conceito de necropolítica detém uma historicidade própria, cunhado a partir da experiência política e cultural de um povo específico. Não levar essas especificidades para fins de análise significa desconsiderar a alteridade e a diferença, promovendo uma violência, que é exatamente o apagamento, a rasura do Outro. (NEGRIS, 2023, p. 99)

Negris (2023) deixa claro que a distinção entre os conceitos de biopolítica e necropolítica é essencial para uma análise crítica das relações de poder contemporâneas. Considerar as críticas apresentadas enriquece nosso entendimento e evita generalizações simplistas, permitindo-nos compreender a historicidade da necropolítica e evitar a violência da marginalização. Ao reconhecer as especificidades e a diversidade cultural, promovemos uma abordagem mais sensível e inclusiva, essencial para compreender a complexidade desses fenômenos.

Discussão

A Biopolítica em Michel Foucault

No curso intitulado "Segurança, território, população" em 1978, Foucault tem como fio condutor de sua discussão o estudo do biopoder. Ele define o biopoder como o conjunto de mecanismos pelos quais as características biológicas fundamentais da espécie humana podem entrar em uma política, em uma estratégia política, em uma estratégia geral do poder. As origens desse conceito remontam às conferências proferidas pelo filósofo no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado da Guanabara, em 1974. Nesse contexto, Foucault utiliza o neologismo "biopolítica" e defende a hipótese de que com o capitalismo não ocorre a privatização da prática médica, mas sim a crescente presença da medicina nos espaços públicos (FOUCAULT, 2008).

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Foucault reconhece a medicalização da sociedade como um processo decorrente de quatro acontecimentos que perpassam a história da medicina ocidental no século XVIII, a saber: "O primeiro diz respeito a criação de uma medicina de Estado e uma polícia médica [que] respondem à necessidade do Estado moderno de agir sobre a população, gerindo-a para aumentar sua potência e garantir o funcionamento estatal" (FURTADO; CAMILO, 2023, p. 36); em segundo lugar, o desenvolvimento da medicina urbana, com medidas de higienização e saneamento para produzir uma população saudável; em terceiro lugar, Foucault reconhece a transformação do hospital em instrumento terapêutico, explicada pelo aparelhamento do hospital com mecanismos disciplinares e, ainda, um quarto acontecimento, que é a associação da medicina a formas de saber, como a estatística, possibilitando o cálculo detalhado de dados sobre saúde e doença da população (FURTADO; CAMILO, 2023, p. 36).

Em seus cursos "Em defesa da sociedade" e "História da sexualidade: a vontade de saber", ministrados em 1976, Foucault retoma o problema do biopoder e investiga a configuração de um poder que toma a vida como objeto de sua regulação nas sociedades ocidentais. Ele analisa a transformação pela qual esse poder passou a partir do século XVII, com a inclusão de processos biológicos nas operações do poder soberano. Segundo a teoria clássica da soberania, o soberano possui poder sobre a vida e a morte dos homens, podendo usar seus súditos para a defesa de sua pessoa ou território, incluindo a punição com a execução. No entanto, o poder sobre a vida não é imediato, sendo exercido quando é permitido matar ou deixar de fazê-lo. A partir do século XVII, emerge uma nova organização do poder em que o direito de morte se desloca ou se apoia nas exigências de um poder que gere a vida e se organiza em função de suas demandas (FOUCAULT, 1999).

Nos últimos anos, os avanços nas ciências da vida concederam à sociedade moderna um conhecimento e capacidade técnica para manipular fenômenos biológicos. Estratégias de governo têm se aproveitado desse conhecimento, submetendo os indivíduos a diversos cálculos políticos de controle. Michel Foucault, a partir de 1974, desenvolveu uma análise das relações entre vida e poder, destacando os dispositivos de sujeição criados pela civilização ocidental. Ele explorou o conceito de biopoder, que engloba duas linhas de forças envolvidas na produção de subjetividades. Por um lado, há o poder totalizante, que cria aparatos estatais para governar populações, resultando em massificação e burocratização da sociedade. Por outro lado, há técnicas individualizantes, que visam direcionar os sujeitos de forma permanente e detalhada (FOUCAULT, 2008).

De acordo com Furtado e Camilo (2016), o conceito de biopoder é relevante para entender a sociedade atual, especialmente devido à importância das ciências biomédicas e biotecnologia nas últimas décadas. O desenvolvimento desses conhecimentos e técnicas requer instrumentos de análise que possam elucidar seus riscos e benefícios. A revolução na área da genética, iniciada na década de 1950, permitiu intervenções no nível mais fundamental da vida orgânica, como a criação de organismos geneticamente modificados e o surgimento da terapia genética. Paralelamente, as neurociências e a indústria farmacêutica também tiveram avanços significativos.

Para Álvaro e Garrido (2007), a chamada revolução cognitiva estabeleceu as bases do estudo científico da mente humana, relacionando a cognição a processos computacionais. Com o aperfeiçoamento dos exames de imagem, tornou-se possível observar o funcionamento cerebral e atribuir à mente fenômenos mentais passíveis de manipulação por meio de psicofármacos. A psiquiatria contemporânea, em estreita relação com a indústria farmacêutica, reconhece o cérebro como formado por compostos neuroquímicos que podem ser afetados por drogas. Esses avanços tecnológicos genéticos e neurocientíficos têm modificado a forma como os indivíduos se relacionam consigo mesmos e com os outros, a partir de sua realidade biológica fundamental. Esses acontecimentos apresentam novos desafios para a sociedade e, embora Foucault não tenha se ocupado diretamente dessas questões, sua análise das relações entre vida e poder lança luz sobre essas transformações.

A necropolítica em Achille Mbembe

No ensaio "Necropolítica, Soberania e Biopoder", o Achille Mbembe explora a noção de necropolítica, que pressupõe que a soberania contemporânea consiste no poder de determinar quem pode viver e quem deve morrer. Mbembe divide sua análise em cinco tópicos, abordando questões como política, trabalho da morte, biopoder, necropoder, ocupação colonial, máquinas de guerra e gesto (BONTEMPO, 2023).

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Mbembe (2018) explora a definição de biopoder e sua relação com o controle sobre a vida, introduzindo o conceito de necropolítica, que abrange medidas que levam à morte e determinam quem deve morrer. Ele relaciona o biopoder com soberania e Estado de exceção, destacando como a guerra se torna um mecanismo de assassinato do inimigo. O autor examina como a soberania contemporânea destrói a existência humana, critica a desumanização e a matabilidade de certos corpos em nome do poder. Ele discute a relação entre necropolítica e estado de exceção, enfatizando a constante exposição à violência e morte na sociedade contemporânea. Mbembe defende a resistência e a busca por uma política baseada na justiça, valorização da vida e redefinição dos conceitos de soberania e cidadania.

É possível relacionar a perspectiva de Foucault acerca do biopoder com Mbembe, uma vez que ambos compartilham a ideia de que o poder influencia a vida e a morte. Foucault enfoca o poder que administra a vida, enquanto Mbembe introduz o conceito de necropolítica, onde o poder não apenas controla a vida, mas também decide quem deve morrer, enfatizando a influência letal do poder sobre certos grupos ou indivíduos. Ambos reconhecem o papel central do poder na gestão da vida e da morte, mas Mbembe amplia essa análise ao destacar as implicações mortais do poder exercido sobre a vida biopolítica.

Em sua obra, Mbembe (2018) ainda argumenta que o sistema de plantation é uma estrutura política emblemática e paradoxal do Estado de exceção que se relaciona com a escravidão. Nesse sistema, o escravo perde sua casa, seus direitos em relação ao corpo e seu estatuto político, sendo submetido a uma dominação absoluta que o coloca em uma condição de morte social. O senhor, paradoxalmente, é proprietário do escravo, resultando em uma relação de desigualdade e poder sobre a vida do outro. O sistema de plantation também cria uma percepção distinta do escravo em relação a si mesmo, ao trabalho e ao tempo. Nas colônias, a seleção das raças e a proibição de casamentos mistos são manifestações desse sistema de terror, onde a vida do escravo é vista como uma coisa e sua humanidade é reduzida a uma "sombra personificada". A formação do terror nas colônias europeias exigiu a domesticação da guerra e a criação de uma ordem jurídica, garantindo o direito de matar para alcançar a paz. As colônias se tornaram zonas onde a violência do estado de exceção poderia operar em nome da "civilização", fora da lei e com uma lógica de conquista. O direito soberano de matar nas colônias não era condenado, e a guerra era realizada sob o pretexto de buscar a paz, mesmo recorrendo ao massacre e à hostilidade absoluta.

Com isto, Mbembe estabelece o conceito de Necropolítica e sua relação com o colonialismo, onde em estruturas imperiais, a violência na ocupação colonial era a forma original do direito e proporcionava a estrutura da soberania. Essa ocupação envolvia o controle físico e geográfico do território conquistado, com extração de recursos, estabelecimento de hierarquias e classificação das pessoas em diferentes segmentos. Na ocupação colonial contemporânea, como na Palestina, a necropolítica é uma técnica de terror bem-sucedida, que opera um poder de morte e proíbe o acesso a certas zonas, implementando uma vigilância interna e externa. Além disso, a violência do necropoder destrói infraestruturas, como casas, cidades e comunicações, utilizando tecnologias de alta precisão, como armas avançadas, drones de ataque, mísseis guiados, dispositivos de vigilância sofisticados, equipamentos de interferência eletrônica, entre outros. Para Mbembe as guerras contemporâneas não podem ser compreendidas por categorias como guerra justa ou injusta, mas são caracterizadas por estratégias de dominação absoluta sobre os territórios ocupados (BONTEMPO, 2023).

Em seu ensaio *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*, Mbembe (2018) argumenta que a necropolítica envolve a subjugação da vida ao poder da morte, influenciando as relações entre resistência, sacrifício e poder. Ele sugere que o necropoder confunde as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade.

Conclusão

A compreensão dessas formas de poder é fundamental para os movimentos sociais, pesquisadores e estudantes. As populações na periferia brasileira são alvos de grande violência, resultando em um verdadeiro genocídio. A guerra às drogas, a segurança pública e a morte dos negros são exemplos dessa política da morte, que busca eliminar os descartados pelo sistema capitalista.

Ao analisar a lógica de funcionamento do Estado sob a perspectiva da necropolítica, conclui-se que, ao estabelecer políticas discriminatórias, negligenciar grupos específicos e recorrer à violência, o

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Estado submete indivíduos a um tratamento desigual, resultando na ampliação dos riscos de morte para algumas vidas. Mbembe mostra a relação da necropolítica com o neoliberalismo, revelando que a suposição neoliberal de valorização da potência, criatividade, empreendedorismo e crença de que todos podem alcançar o que desejam não se concretiza. Nem todos são absorvidos pelo mercado de trabalho, e a população excluída será alvo da necropolítica, que gerenciará condições mortíferas ou de sobrevida.

Em conclusão, a pesquisa de Mbembe evidencia que o conceito foucaultiano de biopolítica é insuficiente para compreender as formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. A compreensão da necropolítica é crucial no mundo contemporâneo, pois revela as estruturas de poder e violência que afetam os mais marginalizados e destaca a necessidade de resistência e luta contra essa política da morte.

Referências

ÁLVARO, J. L., & GARRIDO, A. **Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 2007.

BONTEMPO, V. L. Achille Mbembe e a noção de necropolítica. **Sapere aude**, v. 11, n. 22, p. 558-572. Jul/Dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/24876/17639>. Acesso em: 25 jun. 2023.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso Dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FURTADO, R. N.; CAMILO, J. A. O. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 3, p. 34-44, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jun. 2023.

NEGRIS, A. Entre biopolítica e necropolítica: uma questão de poder. **Ítaca**, n. 36 [Especial Filosofia Africana], p. 79-102. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31835/19767>. Acesso em: 25 jun. 2023.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo gore**. Editorial Melusina, Santa Cruz de Tenerife, 2010.